

“A Jangada de Pedra” (1987): Ligações entre José Saramago e o BREXIT

“A Jangada de Pedra” (1987): Links between José Saramago and BREXIT

Mariana Soletti da Silva¹ , Carlos Alexandre Baumgarten¹ 

¹ Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil

RESUMO

O presente artigo busca analisar a presença de aspectos sócio-históricos no romance *A jangada de pedra* (1988), publicado pelo autor José Saramago, em 1987, para que esses mesmos aspectos sejam conectados ao Brexit, o processo de saída do Reino Unido da União Europeia. Observar-se-á similaridades e discrepâncias entre os dois processos históricos através da obra fictícia de José Saramago, trabalhando a questão da História e da história dados os contextos. Nesse sentido, autores como Boaventura de Sousa Santos (1992), Beatriz Berrini (1998), Carlos Reis (1998, 2019), Maria Alzira Seixo (1999), Maria do Carmo Pascoli (2004), Ana Paula Arnaut (2008) e Teresa Cristina Cerdeira (2000) darão conta da produção de Saramago e a sua relação com a história portuguesa, para que façamos as nossas conclusões sobre a presença da História, ou seja, o processo do Brexit, em sua obra.

Palavras-chave: História; Brexit; José Saramago; *A jangada de pedra*

ABSTRACT

This article seeks to analyse the presence of socio-historical aspects in the novel *A jangada de pedra* (1988), published by José Saramago (1987) so that these same aspects ought to be connected to Brexit, the process of leaving the United Kingdom from the European Union. Similarities and discrepancies between the two historical processes will be observed through the fictional work of José Saramago, observing the question of History and history given the contexts. In this sense, authors such as Boaventura de Sousa Santos (1992), Beatriz Berrini (1998), Carlos Reis (1998, 2019), Maria Alzira Seixo (1999), Maria do Carmo Pascoli (2004), Ana Paula Arnaut (2008) and Teresa Cristina Cerdeira (2000) will give an account of Saramago's production and its relationship with Portuguese history. Furthermore, we can make our conclusions about the presence of History, that is, the Brexit process, in his work.

Keywords: History; Brexit; José Saramago; *A jangada de pedra*

*A memória longínqua de uma pátria
Eterna mas perdida e não sabemos
Se é passado ou futuro onde a perdemos*

Sophia de Mello Breyner Andresen

INTRODUÇÃO

Para Carlos Reis (2019), o romance saramaguiano passa pela ambivalência entre a reinvenção e o caos, cujas marcas principais se dão pelo trabalho de linguagem (que engloba o estilo, a prosódia, o ritmo e a pontuação). Nas palavras do amigo de Saramago, todos esses artefatos funcionam como a “superação de uma resistência” (Reis, 2019, p. 12).

Sua “intencionalidade ideológica” demonstra a necessidade de que o próprio Saramago o demanda para resolver crises, como o provedor de uma “memória histórica” ao romance, o que Carlos Reis (2019, p. 22-23) entende como autoritarismo. Ao discutir a sua posição na História, José Saramago é enfático: “Bem vistas as coisas, sou só a memória que tenho, e essa é a história que conto. Omniscientemente” (Saramago apud Reis, 2019, p. 22). Outrossim, infere-se que o escritor fala sobre o que julga importante.

Posto isso, as críticas histórico-sociais presentes em sua obra dizem respeito ao mercantilismo, ao fanatismo religioso e ao salazarismo, a ditadura que vigorou em Portugal durante 41 anos ininterruptos até a Revolução dos Cravos, em 25 de Abril de 1974.

Com uma espécie de metaficção, Saramago assegura o caráter “viciado e coletivo” da história ao trazer uma “parcialidade do conhecimento histórico” (Arnaut, 2008, p. 31). Para tal, utiliza três coordenadas imprescindíveis: a busca por fontes históricas oficiais (que “emolduram o romance”), “fontes oficiais que têm sido conservadas na sombra”, e a “capacidade imaginativa para preencher os vazios históricos”, o que o autor faz com maestria, a partir de recursos sintáticos, semânticos etc. (Arnaut, 2008, p. 32).

O autor tem três fases de produção: a) a primeira, da “portugalidade”, nos anos

1980, que recorre a elementos especialmente históricos; b) a segunda, a filosófica, que busca compreender a essência do ser humano, com um caráter mais universal; e c) a terceira, com caráter fabular e linguagem mais simplificada. É na primeira fase que o narrador utiliza seu poder em demasia, com viés ideológico, para trazer à tona a vida de personagens esquecidas ou negligenciadas pela história de Portugal, tal como se estivesse reescrevendo, ou melhor, corrigindo a história, demonstrando que é um narrador consciente de si próprio (Arnaut, 2008).

Em *Ler Saramago, o romance*, Beatriz Berrini (1998, p. 57) discute como o “nós”, nos romances saramaguianos, é utilizado para aproximar o narrador do conceito de “contador de histórias”, pois procura comunicar tudo o que viu e ouviu. Ele “leva junto todos os personagens, humildes, e os inclui nos pronomes” (Berrini, 1998, p. 57). Como adendo, seu intuito é “sentir o pesar de um povo”, nesse caso, o português (Berrini, 1998, p. 57-58). O “Eu” é tanto viajante quanto um narrador de seu povo. Aqui, ele tem foco histórico, mas tem cuidado para não “invadir” a História.

A JANGADA DE PEDRA E PORTUGAL

O enredo de *A Jangada de Pedra* é inspirado na situação de Espanha e Portugal em 1986, quando tentavam unir-se à Comunidade Econômica Europeia, hoje em dia conhecida como União Europeia. Escrito doze anos depois da ditadura, a crise econômica e a crise migratória em Portugal estavam assustando a população. Ademais, com o fim das colônias, tanto europeus retornando quanto colonizados encontraram em Portugal a promessa de dias melhores. Para mais bem entender o momento do país, Boaventura de Sousa Santos (1990) explica o seu período sócio-histórico.

De antemão, esse é um lugar paradoxal, enigmático, repleto de utopia – pela volta do futuro promissor e frustração de para trás, ou seja, para seu passado de feitos e glórias. Desde a Inquisição, no século XVII, a repressão ideológica de Portugal acarretou “um autodesconhecimento. O encoberto é a imagem de ignorância de nós mesmos refletida num espelho complacente” (Santos, 1990, p. 2). O país, embebido

em um imaginário mítico supracitado, entre Viriato e D. Sebastião, nunca se descobriu em plenitude.

Mais do que isso, em uma *façade* racionalista, o autor expõe que “a hiperlucidez nunca foi mais que uma cegueira iluminada, e a cegueira das elites produzem a invisibilidade do país” (Santos, 1990, p. 2). Quiçá em nenhum trabalho seria mais pertinente trazer tal afirmação. A lucidez e a cegueira fazem parte de sua produção mais profícua e aclamada em âmbito mundial. *Ensaio sobre a cegueira* e *Ensaio sobre a lucidez*, respectivamente, tratam com otimismo e pessimismo os movimentos da sociedade política, o que corrobora a história de Portugal.

Como recusa (e censura) das ciências sociais, o salazarismo entendia a sociologia como sinônimo de socialismo, e a psicanálise demorou para ser validada como um instrumento pertinente para o entendimento do corpo social. Hoje em dia, o país vive em uma dialética de desterritorialização e territorialização, denotando a verossimilhança entre a fábula saramaguiana e o caráter histórico do português (Santos, 1990).

Acerca disso, para além dos mitos portugueses, “o português é um misto de sonhador e de homem de acção, ou, melhor, é um sonhador activo, a que não falta certo fundo prático e realista”, com uma “enorme capacidade de adaptação a todas as coisas, ideias e seres, sem que isso implique perda de carácter” (Dias apud Santos, 1990, p. 9). Enfatiza-se também seu “fundo poético e contemplativo estático», trazendo diferenças entre outros países latinos. Já o «fundo contemplativo da alma lusitana compraz-se na repetição ou na imobilidade da imagem» (Dias apud Santos, 1990, p. 9), tal como se *A jangada de pedra* fosse justamente uma tentativa de o autor alertar a necessidade de os portugueses buscarem novas perspectivas para o futuro, longe da União Europeia. De maneira complementar, os mesmos indivíduos deveriam visitar o passado para tal, a partir de uma leitura decolonial da História.

Para Santos (1990, p. 14), quando Portugal despede-se dos dias triunfosos como Império, fica em uma espécie de área cinza entre o “centro do sistema” e sua “periferia”, com países como Grécia, Irlanda e Espanha. Tal posição parece um tanto

humilhante para uma nação colonizadora, mas a verdade é que já era subordinada à Inglaterra – um dos exemplos mais famosos seria o do Tratado de Panos e Vinhos, de 1703. Logo, para o autor, “pode-se dizer que durante muito tempo foi um país simultaneamente colonizador e colonizado” (Santos, 1990, p. 14).

Na perspectiva do autor, “Portugal foi o único país colonizador a ser considerado por outros países colonizadores como um país nativo e selvagem” (Santos, 1990, p. 16). Um dos outros aspectos levantados por Santos é a oscilação entre legitimação e autoritarismo do Estado, trazendo o que chama de “carnavalização da política”, que entende como a “descanonização dos processos ideológicos, um distanciamento lúdico perante os efeitos da governação”, conferindo “a esta um tom geral fársico” (Santos, 1990, p. 20). Isso foi descrito com uma verossimilhança cômica em *Ensaio sobre a lucidez* (2017), em que os partidos de direita, do meio e da esquerda ganham tons estereotipados, mas condizentes à espetacularização que nos rodeia em dias atuais.

A tentativa de Portugal se equiparar aos países centrais do sistema foi destruída pelo FMI, em 1978. Desde essa época, o país vive em constante negociação por sua posição anterior. Para o autor, “no início da década de oitenta, era já claro” que a base para essa movimentação “teria como elemento fundamental a integração na CEE”, antiga Comunidade Econômica Europeia, atual União Europeia (Santos, 1990, p. 13).

Ele discute em profundidade sobre essa questão:

Porque a CEE é o centro de uma das três grandes regiões do sistema mundial, a integração da CEE tende a criar a ilusão credível de que Portugal, por se integrar no centro, passa a ser central, e o discurso político dominante tem sido o grande agente da inculcação social da imaginação do centro: estar com a Europa é ser como a Europa. Contudo, quando se analisa detalhadamente o interior do centro, é fácil verificar que a realidade segue um caminho diferente do dos discursos. Nos últimos dez anos, a diferença entre os rendimentos nacionais máximo e mínimos no interior da comunidade não se atenuou e deu até alguns sinais de agravamento. Concomitantemente, aumentou

a distância social entre as regiões mais desenvolvidas e as menos desenvolvidas da comunidade. O modelo de desenvolvimento seguido em Portugal nos últimos dez anos tem maior potencial periférico do que centralizante. Assenta na desvalorização internacional do trabalho português, ao optar por privilegiar, entre os sectores de exportação, um sector em crescente processo de desvalorização, o sector têxtil. Em consequência, o padrão de especialização produtiva da nossa economia baixou 2,3%, enquanto o padrão espanhol aumentou 3% e, só para comparar, o padrão sul-coreano aumentou 10%. Portugal tem hoje a taxa mais baixa de desemprego da Europa (4,7%), mas tem também uma das mais degradadas relações salariais. Ou seja, privilegiou-se a quantidade do emprego em detrimento da qualidade do emprego, o que é típico dos países periféricos (Santos, 1990, p. 14).

Nesse sentido, o autor explica que as relações entre Portugal e Espanha se tornaram mais íntimas, através do que chama de “federalismo ibérico” – o que não tem a ver com “crenças em hispanidades míticas», como poderia se esperar do lado português, mas com a «actuação das grandes multinacionais”, demonstrando a constante ganância por hegemonia dos países (Santos, 1990, p. 16). Poder-se-ia dizer que isso é criticado severamente em *A jangada de pedra* (1988), pois o movimento é contrário à mercantilização ocorrida nos últimos séculos portugueses. Enfatiza-se, assim, o silenciamento inevitável do que é mais importante.

Ironicamente, Boaventura de Sousa Santos aposta na entrada na CEE como alternativa para

uma relação privilegiada com as suas antigas colônias, actuando mais uma vez (embora de modo muito diferente) como correia de transmissão entre o centro europeu e a periferia africana de expressão oficial portuguesa. Os discursos míticos da vocação atlântica bebem aqui algumas gotas de credibilidade (Santos, 1990, p. 16).

Por mais que haja “uma vocação atlântica» de Portugal, o mar destes viajantes era a promessa de benefícios unilaterais, de modo que o Império nunca se preocupou

com uma *transmissão*, mas com uma mera *exploração* dos outros territórios. Dessa maneira, achamos imprudente acatar em plenitude a desterritorialização de Portugal da maneira como o autor pontua – que só ocorreria adequadamente à maneira de *A jangada de pedra*, reparando (em) seus próprios estragos. Sophia de Mello Breyner Andresen, em *Poema inspirado nos painéis que Júlio Resende desenhou para o monumento que devia ser construído em Sagres*, eternizou o viajante “Lusíada que parte para o universo puro/Sem nenhum peso morto, sem nenhum obscuro” (Andresen, 2018, p. 138). Na verdade, esse mesmo homem só tinha olhos para si mesmo.

Portugal sentir-se-á Portugal novamente, em um “regresso” à sua territorialidade”, num movimento que não diz respeito à nação em si, mas ao sentimento de validação que terá para com os países centrais – assim, foca-se

no momento da emergência de um novo desterritório, a Europa da CEE e do Acto Único Europeu. O discurso e a prática da nossa integração na Europa comunitária e a reprodução de imagens de centro que suscitam correm o risco de produzir novas desproporções na avaliação da nossa contemporaneidade. E será tanto mais assim quanto o Eurocentrismo for a outra face do lusomerdismo (...) a integração da CEE faz parte “da total desconfiança nas energias e capacidades nacionais” (Santos, 1990, p. 25).

Como solução ao entrave, o autor traz uma solução mercadológica, nada revolucionária perto do enredo de *A jangada de pedra* (1988). Mesmo consciente que os interesses nacionais são meramente políticos e capitalistas, o autor parece negligenciar a dívida que tem o seu país com o hemisfério sul, tratando de mais um descobrimento de Portugal de maneira otimista, o que corrobora para a grande maioria das mazelas expostas em suas teses:

Enquanto produto/produtor da Europa, Portugal tem de encontrar o seu “nicho de mercado” que lhe permita valorizar os seus recursos materiais, humanos e simbólicos. Dessa contabilização farão certamente parte, tanto o iberismo, como o nacionalismo, um e outro virados para o futuro (...).

Mais uma descoberta de Portugal, pela negativa. A integração ibérica é uma componente importante da integração europeia (Santos, 1990, p. 25).

Maria Alzira Seixo (1999) traz uma profícua discussão sobre a História e a história, principalmente no contexto dos romances de José Saramago. Entre “uma dinâmica que dê sentido a uma interpretação” e “um movimento passado determinante”, Saramago faz uma tentativa de compreensão do futuro através da escrita (Seixo, 1999, p. 78).

Assim,

E porque, de facto, a h(H)istória pode ser contada de outra maneira (na qual se assume, também, quando necessário e quando narrativamente oportuno, a defesa e o ponto de vista daqueles a quem a História não tem concedido o devido valor), o autor revisita outros tempos e outras personagens que lhe permitirão tecer severas críticas à maneira como a memória histórica tem vindo a ser perpetuada (Arnaut, 2008, p. 27).

Essa tentativa vem atrelada aos efeitos estilísticos de ritmo, tal como a respiração de uma vida pela escrita, em que o movimento figura como sinônimo do curso da história. Sobre esse curso,

No regime ficcional em que esse processo se desenvolve, a procura de um sentido para o tempo e para a História implica um trabalho complexo que é o da construção de um mundo narrativo com inevitável conformação temporal. *N'A jangada de pedra* e num passo que tenho citado noutros momentos, alude-se à necessidade de “dispor por ordem temporal os acontecimentos”; todavia, “por muito que se esforcem os autores, uma habilidade não podem cometer, pôr por escrito, no mesmo tempo, dois casos no mesmo tempo acontecidos (Saramago, 1986 apud Reis, 1998, p. 20).

Nesse sentido, Teresa Cristina Cerdeira (2000) entende que o discurso da História perpetua o passado, à medida que este torna-se presente mediante uma representação. Com efeito, reforça a ideia de que a linguagem nunca conseguirá

representar a realidade, de forma que todo e qualquer documento seria uma espécie de fábula do referente – um novo mundo, criado em outra dimensão.

Desse modo, Arnaut comenta:

De uma maneira ou de outra, de forma mais ou menos objectiva ou diluída pela capacidade imaginativa do autor e pela abordagem de outros temas, a verdade é que a História – e seus actores – sempre se instaura como vector organizativo das narrativas que acabamos de referir. E não menos verdade é que no domínio da escrita dramática é também a História que se constitui como pano de fundo e fio condutor das acções (Arnaud, 2008, p. 23).

A dicotomia entre o velho continente e a viagem demonstra a desterritorialização de uma maneira específica, haja vista que tal viagem, para a autora, também pode significar uma renovação dentro da sua própria terra – o que acontece em *A jangada de pedra* (1988), porque o movimento é do território (para o sul) e dos personagens (dentro do território, a pé e por meio de carro e cavalo).

O espaço da JP é lato, se pensarmos na Península Ibérica, e hipotético lugar quando imaginamos e embarcamos na jangada a marinar pelo Atlântico. No caso, cumprem os leitores um duplo percurso: da própria realidade em que se encontram para o mundo ficcional, e nele, viajantes, embarcam também na jangada, a navegar sem destino (Berrini, 1998, p. 79-80).

O interesse de José Saramago pelos mais variados aspectos da vida e da História traduz-se, ainda, numa enorme preocupação em expressar os seus pontos de vista sobre aspectos que marcaram um tempo bem recente. Assim ocorre em *A Jangada de Pedra*, romance onde o autor, numa genealógica fluída orquestração romanesca que parece respigar o muito remoto sonho de uma ideal união ibérica, cria a oportunidade para tecer severas críticas à adesão de Portugal à União Europeia (então Comunidade Económica Europeia). Partindo do pressuposto de que – na sequência de uma série de acontecimentos enigmáticos – a Península Ibérica se transforma numa jangada de

pedra à deriva, por tempo indeterminado, o autor cria, também, a oportunidade para, dentro dessa viagem, dar conta das viagens dos protagonistas da narrativa (Arnaut, 2008, p. 38).

A jangada encaminha-se, no entanto, para onde nunca havia ido – em sentido contrário à História, a história fabula aquilo que Seixo chama de

aproximação ideal com o Livro para a História do próprio presente, numa concepção aliás muito querida de Saramago, segundo a qual a história é tudo o que passa (acrescentemos nós: na dupla acepção dos dois termos envolvidos), isto é, a vibração mesma do viver (Seixo, 1999, p. 75-76).

Em conversa com Carlos Reis (1998), Saramago critica a ideia de História como “lição”, entendendo-a como parcial. Portanto, como dito anteriormente, dá voz às pessoas que não são legitimadas por tal visão, sempre relativa (seja de maneira positiva ou negativa, como em casos de revisionismo histórico). Ligando aspectos que aparentemente não têm ligação, para o português, a literatura também pode ter a sua própria visão da história, enquanto “seres da ficção” (Reis, 1998, p. 89). Desse modo, tudo o que o autor escreve emana “forte carga literária e histórica”, que “no seu caso se trata de um autor empenhado numa acção política, no melhor sentido da expressão, numa acção verdadeiramente humanista” (Berrini, 1998, p. 81).

Logo, nesse movimento de romance histórico, José Saramago escreve *A jangada de pedra* (1988). Como Espanha e Portugal eram vistos como os *primos pobres*, com uma perspectiva meramente mercadológica de retornarem a seus *status*, o livro encontra uma solução melhor: a jangada de pedra – aparentemente imóvel – conta com pequenas ações dos personagens principais, que acarretaram a ruptura.

Joana Carda fez um risco no chão com uma vara de negrilho impossível de apagar. Nesse momento, todos os cães que nunca ladram não conseguem parar de latir. Joaquim jogou uma pedra no mar de maneira aparentemente calma, mas a pedra navega na água, criando incontáveis ondas. O próprio movimento do objeto, à frente,

demonstra como a jangada de pedra se moveria. Já o espanhol Pedro Orce é a única pessoa que sente a terra tremer. Maria Guavaira, outra espanhola, puxa o fio da meia de maneira a desenrolar aquilo que estava guardado há muito tempo: um vazio, ou a possibilidade de um encontro consigo mesma, do início ao fim do pé-de-meia. Por fim, há José Anaiço, seguido por passarinhos em uma realidade com elementos fantásticos que reforçam o movimento das personagens e da península.

Os acontecimentos se dão de maneira concomitante, mas o que deveria chocar a população foi recebido inicialmente de maneira apática. A reação da população ao movimento do território é aparentemente gradual. Logo depois de esses eventos ocorrerem, a Península Ibérica se desprende da Europa e começa a viajar pelo mar. Dentro da viagem há *outras* viagens, em que as personagens não só percorrem outros territórios, mas suas próprias jornadas de autoconhecimento. Afinal, "a viagem continua" mesmo depois de a península assentar-se (Saramago, 1988, p. 317).

O que nos é caro aqui é o fato de que o romance representa a busca portuguesa por "autonomia cultural, social, econômica e política do povo português", bem como a "necessidade de buscarem as próprias diretrizes, não dependendo do que era imposto pela Europa" (Silva apud Zukoski; Silva; Coqueiro, 2022, p. 90).

Retomando o que foi dito por Maria Pascoli (2004),

a crise no governo ocorre quando a península se rompe e parte para sua viagem sem rumo. Ao longo da narrativa, percebe-se uma crítica à falta de governo diante da gravidade da situação: "os governos só são capazes e eficazes nos momentos em que não haja razões fortes para exigir tudo de sua eficácia e capacidade" (Saramago, 1986, n.p.). Diante do perigo e da crise vivenciada por toda jangada, emerge a incapacidade de Salvação Nacional governar, sendo descreditada pelo narrador (Silva apud Zukoski; Silva; Coqueiro, 2022, p. 91).

É como se o senso de identidade do ibérico fosse transformado, de um complexo de inferioridade, para a constatação de um *mea culpa* em relação aos países da América

Latina. Enquanto isso, no Reino Unido, é o sentimento de superioridade para com os europeus que impera, haja vista a primeira negativa em participar do bloco econômico e o último plebiscito, que resultou na saída do país da União Europeia. Nos dois casos – factuais – e na própria narrativa de José Saramago, são expostas as chagas mais profundas da história contemporânea: a fraqueza das instituições aliadas a neuroses (o que não só os indivíduos não conseguem trabalhar em si, mas o coletivo em geral).

De maneira complementar, Maria do Carmo Pascoli (2004) nos mostra que a grande viagem da jangada de pedra, a viagem dentro da Península Ibérica e a viagem dentro das personagens carregam uma característica em comum: a partir delas, visa-se a liberdade (tanto do povo português quanto do próprio indivíduo, enquanto viajante). A lógica de poder da União Europeia para com Portugal é subvertida, porque é a Península Ibérica quem decide, tal como se fosse uma entidade viva, a separar-se. O afastamento deliberado parte do pressuposto de que Portugal não aceita mais ser subordinado – talvez porque tenha estado na situação do continente na época do colonialismo.

Como recurso humorístico, presente em suas obras, o autor adjetiva a Europa como “mãe amorosa”, afligida com os acontecimentos estranhos (Saramago, 1988, p. 31). Houve declarações tanto da Comunidade Económica Europeia, a antiga União Europeia, quanto da Organização do Tratado do Atlântico: fora pedida a esta “uma declaração de solidariedade atlantista, mas a resposta, não sendo embora negativa, veio a resumir-se numa frase impublicável, *Wait and see*, o que, aliás, não exprimia nenhuma inteira verdade” (Saramago, 1988, p. 43). De maneira irônica, José Saramago demonstra conhecimento sobre as “negociações de adesão à CEE, na medida em que os trâmites do processo, que resultaram nas resoluções finais do Conselho Europeu, se deram de forma exasperadamente lenta” (Pascoli, 2004, p. 62).

Sobre a Comunidade Económica Europeia, fica claro que seu objetivo era assegurar os negócios, de modo que, se a Península Ibérica não era protagonista na maioria deles, sua presença na comunidade era irrelevante. Portanto, depois de longos anos de negociações, “inúmeras propostas e acordos, o tratado foi assinado

e Portugal teve que aceitar condições que eram mais favoráveis às economias ricas” (Pascoli, 2004, p. 62).

José Saramago enfatiza a falta de vontade da comunidade europeia para com a Península Ibérica, de modo que,

Durante a reunião, como fora combinado previamente, a Comunidade Económica Europeia tornou pública uma declaração solene, nos termos da qual ficava entendido que o deslocamento dos países ibérico para ocidente não poria em causa os acordos em vigor, tanto mais que se tratava de um afastamento mínimo, uns poucos metros, se compararmos **com a distância que separa a Inglaterra do continente** (...). Esta declaração, objectivamente clara, foi o que resultou de um aceso debate no seio da comissão, em que alguns países membros chegaram a manifestar um certo desprendimento, palavra sobre todas exacta, **indo ao ponto de insinuar que se a Península Ibérica se queria ir embora, então que fosse, o erro foi tê-la deixado entrar**. Naturalmente que tudo era a brincar, um joke, nestas difíceis internacionais as pessoas também precisam de distrair-se, não poderia ser só trabalhar, trabalhar, mas os comissários português e espanhol repudiaram energicamente a atitude deselegantemente provocatória e indubitavelmente anticomunitária, citando, cada qual na sua língua, o conhecido ditado ibérico, Os amigos são para as ocasiões (Saramago, 1988, p. 42, grifos nossos).

Na passagem do livro supracitada, principalmente no primeiro trecho grifado, percebemos as similaridades entre o processo do Brexit e o acontecimento que inspirou o enredo de *A jangada de pedra* (1988). Se a Inglaterra está bastante afastada do continente, ela também quer buscar a sua própria identidade. Mas, enquanto os ingleses fazem isso em uma posição de superioridade, na intensificação do racismo e da xenofobia (Mintchev, 2021), os portugueses têm o objetivo de achar sua identidade para curar um vazio que perdura há séculos em seu imaginário - a resolução dos seus problemas pelo enfrentamento do passado.

A última frase da citação, “Os amigos são para as ocasiões”, demonstra como os benefícios de estar na Comunidade Econômica Europeia eram poucos para aqueles países que não tinham muito a oferecer. A suposta amizade entre nações seria uma relação estrita de interesses. Então, por que deixar um país pobre participar das relações internacionais e do grupo dos ricos da economia mundial?

Sobre os acontecimentos fora da ficcionalidade, Maria do Carmo Pascoli comenta que

as negociações efetuadas por Portugal, para o estabelecimento do contrato de adesão à CEE, encontraram inúmeros obstáculos. À rapidez com que se decidiu pela adesão, seguiu-se a lentidão das negociações que se arrastaram por 8 anos, desde o pedido em 1977 até às conclusões em 1985. Saramago falou sobre o assunto “A idéia de uma Europa que nos iria levar no colo e que iria resolver todos os nossos problemas (...) conduziu-nos a quê? Conduziu-nos ao prolongamento da situação anterior, num quadro diferente. Por que antes era o jogo das potências no qual não tínhamos importância nenhuma; agora, é um suposto jogo de concerto e de acordo geral em que nós participamos, mas que também continuamos a não ter importância nenhuma” (Pascoli, 2004, p. 60-61).

Nesse caso, o fenômeno do Brexit vai ao encontro da própria opinião de José Saramago, que se posiciona a fim de que seu país tenha uma identidade própria fora da Europa. Sua solução, entretanto, encontra um pressuposto menos negativo - sem acusações de racismo ou xenofobia -, bem como um final mais otimista - de fato, encontra-se uma solução que faz com que o povo conheça seu verdadeiro passado, para que almeje um futuro. É perceptível que até o próprio complexo de superioridade do Reino Unido, citado aqui, apareça em *A jangada de pedra*:

a única novidade, se bem que relativa, vinha de Londres, o primeiro-ministro foi à Câmara dos Comuns para afirmar, categoricamente, que a soberania britânica sobre Gibraltar não admitia discussão, qualquer que

fosse a distância que viesse a separar a Península Ibérica da Europa, ao que o leader da oposição acrescentou uma formal garantia, isto é, A mais leal colaboração da nossa bancada e do nosso partido no grande momento histórico que estamos a viver, mas juntou ao discurso solene uma ironia que fez rir todos os deputados, O senhor primeiro-ministro incorreu numa grave falta de precisão vocabular **quando chamou península aquilo que já é hoje, sem qualquer dúvida, uma ilha, ainda que sem a firmeza da nossa**, of course (Saramago, 1988, p. 49, grifos nossos).

Paradoxalmente, enquanto o Reino Unido saiu da União Europeia julgando ser essa a melhor alternativa - econômica e identitária, reiteramos (Pitcher, 2019) -, o país ainda busca vantagens de outras nações vistas como secundárias à comunidade europeia.

A posição defensiva de Portugal em *A jangada de pedra* (1988) é contrastante com a do Reino Unido. Enquanto Portugal adula os países "irmãos", que acolheram "com simpatia o apelo e já mandaram saber como é que queremos ser auxiliados" no momento de crise, são precisamente os países da Europa o fio condutor para a justificativa do Brexit. Portanto, a posição do Reino Unido é ativa, acusatória e dominante, ao passo que a de Portugal é passiva, defensiva e submissa neste momento da narrativa. Em contrapartida à justificativa hegemônica para a saída do Reino Unido da União Europeia era o pagamento de subsídios à comunidade, acarretando prejuízo para o país,

Portugal delinea-se e configura-se, se considerarmos os laços formados no passado distante, quando o mar era "desconhecido", anterior à configuração atual do mundo cujas regras estão subordinadas, não a uma nação, mas ao capital sem pátria. As regras de comportamento, de relações sociais, de gosto são construídas pelo domínio econômico, que vêm, pouco a pouco, se impondo absoluto. A "península" não deveria compactuar com esta forma de imperialismo (Pascoli, 2004, p. 64).

O Reino Unido também é uma ilha. Segundo Nick Clegg (2017, p. 5), há uma distância psicológica do país, "a belief that the British Isles are a long way removed from the many nations with which we share the European hemisphere. We are an

island nation, with an island outlook on the world”.

A carnavalização da política em Portugal, presente nas teses propostas por Boaventura dos Santos (1990), também pode ser transposta para a situação do Reino Unido, que vive cíclicas crises políticas desde o nascimento do Brexit. Ademais, acerca de seu complexo de superioridade,

far from leading towards a rebirth of British greatness and sovereignty, the evidence so far suggests that Brexit is instead leading us towards greater national enfeeblement. Far from being the patriotic thing to do, Brexit is waking the greatness in Great Britain. Our past provides us with much to be proud of. But pride should not topple into a false sense of superiority. Pride in our past does not serve as a realistic road map for our future. Far from returning us to our heritage as a great and respected global power, Brexit risks making us an object of mockery and bewilderment around the world. Indeed, the world watches on with increasing bafflement at the soap opera of British politics. Where was that great British tradition of pragmatism, sangfroid and common sense gone? (Clegg, 2017, p. 53).

Para Pascoli (2004, p. 65), ao analisar *A jangada de pedra* (1988), “ilhar, de certa forma, as pessoas num lugar seguro, posto que conhecido e familiar, favorece as relações autenticamente humanas”. Todavia, o Brexit conta-nos uma história distinta: a seguridade que os britânicos que votaram “leave” levou em conta a supressão de aspectos humanitários, principalmente de cunho migratório: “Instead of coming up with a joint solution to humanitarian crisis on their own borders, Europe’s nations collapsed into mutual recrimination and started erecting national borders again” (Clegg, 2017, p. 21).

O jogo econômico encontra resistência em *A jangada*, mas é ele próprio o protagonista do Brexit. No Brexit, o desinteresse pelo homem e sua qualidade mais intrínseca, o que há de humano, faz com que possamos comparar a obra de Saramago e esse momento histórico. É como se os dois acontecimentos, um aqui ficcionalizado em *A jangada de pedra* (1988), fossem inversos e complementares ao mesmo tempo.

Guardadas as similaridades, há muitas discrepâncias contextuais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em *A jangada de pedra* (1988), “encontramos interligadas história e ficção” (Pascoli, 2004, p. 58). Logo na epígrafe do livro, lemos uma frase de Alejo Carpentier: “Todo futuro es fabuloso”. O termo, tanto em português quanto em espanhol, pode significar duas coisas: o futuro pode ser ótimo; o futuro pode ser imaginado de maneira mágica, em uma espécie de figuração do imaginário. José Saramago procurou um futuro melhor para Portugal, em que as dívidas do passado fossem deixadas de lado e que o país tivesse um reencontro consigo mesmo. Cabe lembrar que o autor não perguntou acerca do consentimento da América do Sul e da África em relação a essa aproximação.

Com as argumentações angariadas sobre a presença da ficcionalização da História nas histórias de José Saramago, podemos afirmar que o autor tem um compromisso não só com trazer a história do outro, mas também de como poderia ter sido a História, em um processo de fabulação que respeita acontecimentos factuais, mas que envereda para seus próprios caminhos.

O Brexit aconteceu sob uma premissa desumanizadora, devido aos casos de xenofobia no país acarretados desde antes do plebiscito, e favorável ao mercado econômico, visando redução de custos que não se reverteram em melhorias nos serviços públicos. O Reino Unido carrega um complexo de superioridade, que pode ser ainda mais elevado em relação a Portugal, haja vista que este país foi subordinado do Reino Unido no início do declínio das grandes navegações, como através do Tratado de Panos e Vinhos, de 1703.

Na Península Ibérica, o deslanche como jangada de pedra acontece sob uma premissa humanizadora, pois não só o país se dirige a lugares onde há laços sócio-históricos e culturais evidentes, mas as próprias personagens realizam viagens dentro da península e de si. É a falta de uma cultura que caracteriza a Europa, e não suas características vistas de maneira pejorativa, que ajuda o movimento das placas.

Portanto, conclui-se que os dois fenômenos carregam similaridades e discrepâncias entre si. De qualquer modo, eles podem e devem ser comparados, a fim de que haja um melhor entendimento sobre as duas nações, Portugal e Reino Unido, bem como sobre relações econômicas e identitárias em um continente tão diverso, que carregou – e causou – traumas seculares.

REFERÊNCIAS

- ANDERSEN, S. M. B. **Coral e outros poemas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- ARNAUT, A. P. **José Saramago**. Lisboa: Edições 70, 2008.
- BECKER, P. A Jangada de Pedra - Navegando em busca de OUTRA humanidade -. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 26, n. 1, março de 1991. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/16091/10564>. Acesso em: 22 nov. 2022.
- BERRINI, B. **Ler Saramago, o romance**. Lisboa: Caminho, 1998.
- CERDEIRA, T. C. **O avesso do bordado**. Lisboa: Caminho, 2000.
- CLEGG, N. **How to stop Brexit (and Make Britain Great Again)**. London: The Bodley Head, 2017.
- DESMET, L.; STOURTON, E. **Blind Man's Brexit: How the EU took control of Brexit**. London: Simon & Schuster, 2019.
- MINTCHEV, N. The cultural politics of racism in the Brexit conjuncture. **International Journal of Cultural Studies**, Volume 24, Issue 1, January 2021, Pages 123-140. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/epub/10.1177/1367877920935135>. Acesso em: 23 nov. 2022.
- PASCOLI, M. C.. Revista do Centro de Estudos Portugueses, v. 24, n. 33, 2004. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/cesp/article/view/6676>. Acesso em: 21 nov. 2022.
- PITCHER, B. Racism and Brexit: notes towards an antiracist populism. **University of Westminster**, London, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/01419870.2019.1623410>.
- REIS, C. **Diálogos com José Saramago**. Lisboa: Caminho, 1998.
- SANTOS, B. S. **Onze teses por ocasião de mais uma descoberta de Portugal**. Coimbra: Via Latina, 1990.
- SARAMAGO, J. **A jangada de pedra**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

SARAMAGO, J. **Ensaio sobre a lucidez**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

SEIXO, M. A. **Lugares da ficção em José Saramago**. Lisboa: Imprensa Nacional, 1999.

SILVA, M. C. A viagem dentro da viagem: personagens femininas em deslocamento no romance A jangada de pedra. In: ZUKOSKI, A. M. S.; SILVA, V. R. N.; COQUEIRO, W. S. (Org.). **Saramago: memorial do feminino**. Campo Mourão: Fecilcam, 2022.

TUTIKIAN, J. "As coisas grandes são as pequenas". In: **E agora José?** CERDEIRA, Teresa C. et al. (Org). Belo Horizonte: Moinho, 2019.

Contribuições de autoria

1 - Mariana Soletti da Silva

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Mestre em Letras e Doutoranda em Letras

<https://orcid.org/0000-0002-8186-2985> • solettimariana@gmail.com

Contribuição: Conceituação, análise formal, escrita - primeira redação, escrita - revisão e edição

2- Carlos Alexandre Baumgarten

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Doutor em Linguística e Letras

<https://orcid.org/0000-0001-5760-9114> • carlos.baumgarten@pucrs.br

Contribuição: Curadoria de dados, escrita - revisão e edição

Como citar este artigo

SOLETTI, M.; BAUMGARTEN, C. A. "A Jangada de Pedra" (1987): Ligações entre José Saramago e o BREXIT. **Literatura e Autoritarismo**, Santa Maria, n. 43, 2024. DOI: 10.5902/1679849X74279. Acesso em: dia mês abreviado ano.